

ALAVOURA

Revista da Sociedade Nacional de Agricultura
e da Confederação Rural Brasileira



Anno XXXIV
Agosto de 1930
Numero 8

A pequena lavoura me-
canica no Curso Com-
plementar dos Patro-
natos Agricolas — Fa-
zenda Santa Monica —
M. da Agricultura.

Sociedade Nacional de Agricultura

FUNDADA EM 16 DE JANEIRO DE 1897
RECONHECIDA, POR LEI, DE UTILIDADE PUBLICA
CONSAGRADA AO RESURGIMENTO DA AGRICULTURA NACIONAL

BIBLIOTHECA ECONOMICA

15.000 VOLUMES DE OBRAS VALIOSAS, SOBRE AGRONOMIA, VETERINARIA,
ECONOMIA, FINANÇAS, INDUSTRIAS AGRICOLAS, ETC.

MUSEU AGRICOLA

MILHARES DE PRODUCTOS AGRICOLAS. COLLECÇÕES COMPLETAS DE MA-
DEIRAS DO PAIZ, FIBRAS, CEREAE, OLEOS, RESINAS PLANTAS
MEDICINAES, ETC.

HORTO FRUCTICOLA DA PENHA

ESTAÇÃO EXPERIMENTAL, MANTIDA PELA SOCIEDADE. PRODUÇÃO
DE MUDAS E SEMENTES.

APRENDIZADO AGRICOLA WENCESLAU BELLO

CONSAGRADO A FORMAÇÃO DE CAPATAZES AGRICOLAS

SERVIÇO DE FORNECIMENTOS

MODELAR ORGANISAÇÃO PARA O FORNECIMENTO DE PLANTAS, SEMENTES,
INSECTICIDAS E MATERIAL AGRARIO, CIRURGICO E VETERINARIO.

SERVIÇO DE INFORMAÇÕES

SECÇÃO TECHNICA, DIRIGIDA PELO HABIL PROFESSIONAL ENG. AGRONOMO
THOMAZ COELHO FILHO, LENTE DE AGRICULTURA GERAL DA ESCOLA
SUPERIOR DE AGRICULTURA E MEDICINA VETERINARIA, PARA
A SOLUÇÃO DE CONSULTAS DIRIGIDAS A SOCIEDADE

"A LAVOURA"

REVISTA MENSAL DA SOCIEDADE NACIONAL DE AGRICULTURA DISTRI-
BUIDA GRATUITAMENTE AOS SOCIOS QUITES

ADMISSÃO DE SOCIO

CONTRIBUIÇÃO ANNUAL

ASSOCIADOS — (Instituições, firmas commerciaes, etc.)	100\$000
SOCIOS CONTRIBUINTES	40\$000

PARA OS NOVOS SOCIOS, ISENÇÃO DE JOIA

Rua 1.º de Março, 15 -- Rio de Janeiro -- Brasil -- C. Postal, 1245
End. Teleg. Agricultura

OLAVOURA

Revista Mensal da Sociedade Nacional de Agricultura
e da Confederação Rural Brasileira

Anno XXXIV

AGOSTO
DE 1930

Numero 8

A escola e o problema rural

Fondard, director dos Serviços Agrícolas de Bouches-du-Rhône, e doutor em sciencias naturaes, divulgou na França, ainda recentemente, uma importante obra de sua lavra, sob o titulo "*L'école devant le problème paysan*", que mereceu de Rabaté referencias lisongeiras, na Academia de Agricultura d'esse paiz.

Na opinião de Fondard os mestre-escolas deveriam proseguir em sua formação, estudando, de perto, os costumes camponeses. Para melhor adaptar o ensino ás necessidades reaes e visando estabelecer a escola rural, os educadores teriam, para preparal-a, de collaborar com o director dos serviços de Agricultura e a trabalhar, tambem, pela evolução da aldeia moderna, afim de tornar a vida no campo mais confortavel e aprazivel.

Depois de submeter a demorado estudo a magna questão da emigração rural e despovoamento dos campos, Fondard conclue que a lucta contra essa emigração reveste, antes de tudo, o caracter de um problema de ordem educativa e que é, portanto, preciso transformar a escola actual em uma *escola adaptada*.

A escola actual ministra um ensino *muito uniforme*, de um poder de formação admiravel para a cultura geral, mas alheia, quasi completamente, ás contingenencias ruraes.

Esse ensino cria, no pequeno camponio, uma mentalidade de cidadãozinho. Como a escola é

um dos factores determinantes da vocação, faz-se mister adaptar o ensino ás exigencias campestres.

A formação dos futuros mestres, isto é dos educadores ruraes, nas escolas normaes, deve visar a comprehensão, pelos mesmos, do espirito rural e do amor à terra.

Na escola primaria, o preparo da criança deve tender para a sua futura adaptação ao campo.

O infante adquirirá uma cultura geral com elementos tirados, sobretudo, da vida agricola.

Ao ensino da moral dever-se-á emprestar especial importancia, como espirito e tendencias, e será de essencia rural e terréna, resultante de um estudo aprofundado, technico e psychologico, do meio campezino.

Na aldeia, o educador estudará o caracter do camponez, procurando elaborar uma verdadeira monographia moral de seu meio social.

Collaborará com o director dos serviços agricolas, locaes, estaduais ou federaes, por meio de palestras e conferencias e dos campos de demonstração, preocupando-se com a realização de um real e perfeito *equipamento agricola* da aldeia moderna.

As considerações e as idéas do doutor Fondard merecem, como se vê, a divulgação que ora lhe estamos dando, por sua oportunidade no Brasil, onde a educação e o desenvolvimento da agricultura são dois problemas capitaes e que se podem, em grande parte, conjugar, para o objectivo final — o progresso e a civilização da patria.

O C A F E'

DE COMO MELHORAR-LHE A QUALIDADE, CONTROLANDO A QUANTIDADE

Discute-se, presentemente, nos meios agricolas de S. Paulo a necessidade de reduzir a producção cafeeira e de melhorar-lhe a qualidade, afim de restabelecer a normalidade do commercio desse producto.

Varios alvitres têm sido, nesse sentido, lembrados, inclusive a eliminação de cafeeiros e a destruição de uma parte do stock existente, isso pra a redução da quantidade, futura e actual, respectivamente, e a adstricção

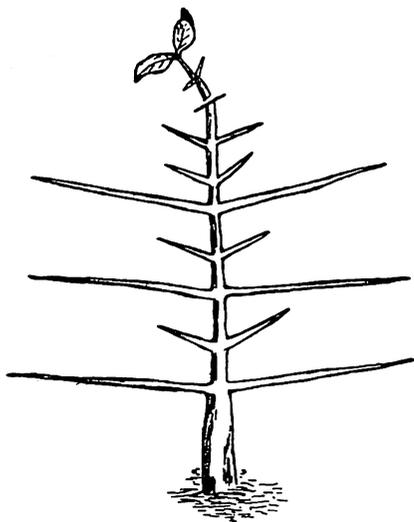


Fig.1.° DESPONTA

commercial aos cafés finos, visando a qualidade do producto, de exportação, embora indirectamente affecte ao volume do mesmo.

Mas, a melhoria da qualidade, que se aconselha e se pretende pôr em pratica, é pela escolha do producto na colheita, separando os typos superiores, dos inferiores, e não pela sys-

Prof.

THOMAZ COELHO FILHO

Engenheiro Agronomo



tematização do processo da formação da safra uniforme e exclusiva, consolidando o typo excellente.

Em verdade, a simples escolha mecanica, na massa recolhida, em nada aprimoraria a rotina empirica, e seria até detrimental ao consumidor interno, a cujo alcance jámais estariam as castas menos soffríveis, continuando inalterada a cafeeicultura irracional, como até aqui exercida, á custa da fertilidade do solo, já seriamente comprometida pela revelação do impressionante decrescimo do rendimento, medio, cultural. Esse declinio, aliás, não significa, apénas, o descumramento do solo; tambem, e no mesmo grau, o despreso pela planta.

Afinal, para que continuar a produzir cafés baixos, quando se póde, e se deve, dar a consumo, tanto externo, como interno, sómente o genero de primeira classe?

E a consecução d'esse desideratum não será nenhuma delenda Carthago. Basta que, de par com os cuidados ao solo, se dispense o necessario tratamento objectivo á planta, o qual consiste na póda.

Esta operação da technica agricola, além de contribuir pa-

ra revigorar e manter a planta em bom estado hygido e poupar as reservas alimentares do solo, é um meio facil e economico de melhorar a qualidade e reduzir proporcionalmente a quantidade do producto final da cultura. Depende, unicamente, para o feliz successo da sua applicação, de um estudo previo, experimental, com os cafeeiros locais, de onde concluir o melhor methodo a aconselhar ao agricultor.

A titulo de informação, descreveremos, a seguir, succinta-

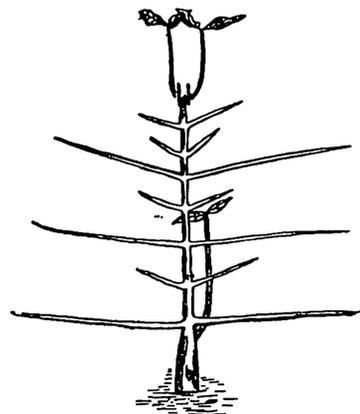


Fig.2.° ELIMINAÇÃO DE LADRÕES

mente, o systema de póda, do cafeeiro, adoptado em Porto Rico, na Colombia, etc., segundo refere o Dr. Carlos E. Chardon, secretario da Agricultura e Trabalho de Porto Rico.

Vulgarizando-o, o nosso intuito é, tão só, attrahir para o assumpto a atenção dos interessados, offerecendo-o a exame e estudo scientifico, em face das nossas condições mesologicas e das plantas que, aqui, se

entretêm, tanto mais quanto o que se vae ler tem relação, directa, com as variedades da *Coffea Arabica*.

Podar o cafeeiro é necessario para:

1.º) — Reduzir a massa vegetativa (tronco, ramos e folhas), em proveito da massa reproductiva (flores, fructo e sementes),

2.º) — Os cafeeiros podados, medindo cêrca de 1,m65 de altura, tornam-se muito mais facilmente cultivaveis e menos sujeitos a damnificações pelos instrumentos aratorios. Cafeeiros não podados crescem até 3,m30 — 4,m30 de altura.

3.º) — O cafeeiro, em geral, possui a tendencia a fructifi-

mente estabelecidas, proporcionando, em consequencia, melhor e mais rapido accesso ás praticas de cultura e hygiene.

A primeira póda do cafeeiro é a **desponta**, ou **descopagem**, effectuada quando a planta tem quatro a cinco annos de idade e uma altura superior a 1,m65, o que, em geral, se verifica depois da primeira safra.

Este limite de altura, exigido para a desponta, varia com as condições do meio e com o estado da vegetação; mas, de ordinario, faz-se a 1,m48, do solo, na média d'essas condições. O instrumento empregado, para tal fim, é a tesoura commum, de póda.

Em solos pobres, desponta-se a 1,m32 de altura e, em solos ricos, a 1,m81, ás vezes mais alto. Em zonas sujeitas a ventos fortes, podam-se as plantas o mais baixo possivel. (Fig. 1).

O resultado da desponta é o augmento do numero de ramos secundarios e terciarios, o que equivale dizer, de fructificação, ou producção.

Acontece, porém, que, simultaneamente, como reacção infalivel, emergem do caule ramos "ladrões", ou "**chupões**", nocivos e indesejaveis, que é preciso eliminar com uma segunda póda — o **desladramento**.

A supressão d'esses ramos deve ser feita á mão, arrancando-se-os de modo a provocar a formação de uma grande cicatriz no ponto de junção com a peça supportante, porquanto o uso de objecto cortante induz á perfilhação, ou proliferação de novos ladrões na mesma olhadura. (Fig. 2).

Os melhores resultados finaes só se obtêm percorrendo, frequentemente, as plantas, para limpá-las, por completo de qualquer ladrão que, por ventura, se retarde. Os resultados

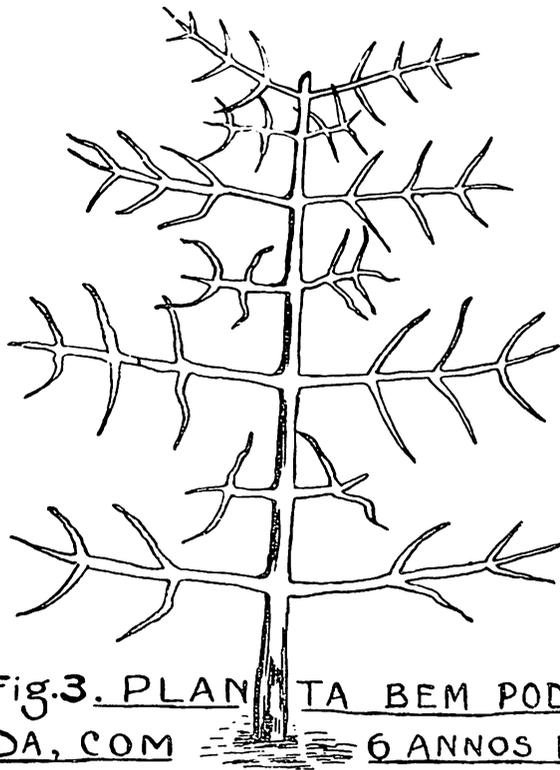


Fig. 3. PLANTA BEM PODADA, COM 6 ANOS DE EDADE, APPROXIMADAMENTE

car nos ramos lateraes, de sorte que, nos que não soffreram a póda, o peso da carga força ao tronco, arqueando-o.

No arco, assim, desenvolvido, brotam, em profusão, galhos "ladrões", ou "**chupões**", o que não acontece nas plantas podadas.

4.º) — Com a adopção e exercicio constante de um sistema de póda, as plantações podem ser regular e uniforme-

que se desenvolve, de preferencia, nos ramos lateraes. Cafeeiros não podados, — mostra-o a simples observação, — accumulam partes lenhosas em detrimento das que são economicamente exploradas, isto é os fructos.

A póda intervem, portanto, para melhor distribuir a energia da planta, mantendo-lhe indispensavel equilibrio das funcções physiologicas.

d'essa operação não são apreciáveis antes de decorridos dois annos e se exprimem por uma reacção vigorosa da planta, que, estando em perfeitas condições geraes, cobre-se de abundantes fructos, em virtude do desenvolvimento que tomaram os ramos lateraes, emquanto o tronco, perdendo em altura, por impedido de crescer, ganha em grossura, o que redundo em beneficio da consolidação estrutural do individuo. A maior parte da energia da parte terá, então, sido gasta na formação de flores, fructos e sementes, (Fig. 3), e, de futuro, as colheitas augmentarão na proporção dos ramos lateraes, até a um certo limite. Ora, si se permittir que a planta accumule, todo o anno, muitos ramos, sua superficie productiva acabará como um amontoado de galhos e folhas, interceptando, inteiramente a penetração da luz e do ar, que devem banhar, com fartura, o seu interior e derredor, por serem essenciaes á vida vegetal. D'ahi a necessidade de uma limpeza geral, periodica, cada dois ou tres annos, tendo por fim expurgar as plantas das partes imprestaveis ou inconvenientes.

Nessa ultima operação, cor-

tam-se, commumente, por meio da tesoura, os ramos lateraes da base, respeitando-se, sómente,

apenas, no esqueleto. Ao mesmo tempo, escovam-se os troncos e ramos primarios, com o auxilio

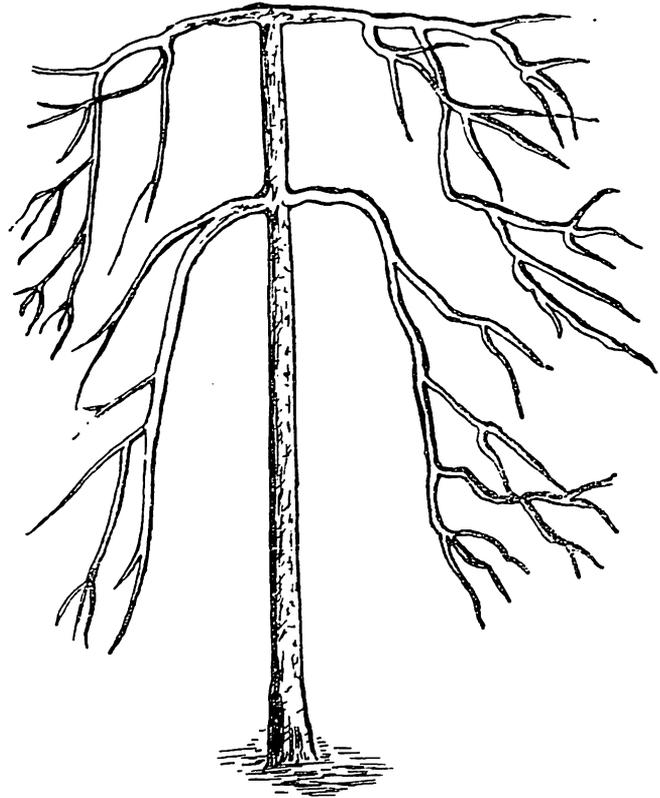


Fig. 4. PLANTA PODADA E BEM CUIDADA, COM 8 ANOS DE EDADE

os mais novos (tres quartas partes, approximadamente, da ramagem total são, assim, suprimidas), deixando-se a planta,

de uma escova de aço, ou de sa- bugo de milho, previamente embebido em leite de cal, afim de remover os lichens e outras epi-

SYPHILIS SUP-H G, suppositorios de mercurio vivo, do **Laboratorio Clinico Silva Araujo**,

é um medicamento optimo para os tratamentos mercuriaes prolongados e discretos. Commodo e economico.

Um suppositorio todas as noites.

Carlos da Silva Araujo & Cia.



Marca registrada

O algodão artificial

Estamos de pleno accordo com a redacção do util mensario peruano *La Vida Agricola*, quando commenta os boatos alarmistas sobre o apparecimento, na Inglaterra, de um succedaneo do algodão vegetal

A redacção dessa revista, no louvavel intuito de informar a seus leitores, com segurança, algo que pudesse esclarecer as duvidas dos interessados na cultura e na industria do algodão vegetal (natural!), deu-se á penosa tarefa de perquirir por toda a parte, na imprensa tecnica e especializada, chegando á decepcionante conclusão de que o propalado *algodão artificial* é, por emquanto, um mysterio...

La Vida Agricola traduz, de um diario inglez, o seguinte :

"D. A. Walters, um dos directores da *English Artificial Cotton Production and Marketing Corporation*, exhibiu exemplares do algodão artificial em todas as phases de sua producção e descreveu, em detalhe, a planta. Apresentou, igualmente, cartas de fabricas de tecidos de Yorkshire e Lancashire em que declaravam que as amostras do algodão artificial, que lhes foram entregues, tinham sido branqueadas".

Fazendo uma descripção da planta, cujo nome não quiz divulgar, disse o Sr. Walters:

"Parece uma canna comum, mas, para o emprego do nosso processo, nunca se permite que chegue á completa maturação, isto é, que dê flôr e semente. Depois

de quatro mezes, torna-se quebradiça e, aos nove mezes, ao attingir á altura de cinco a sete pés, está prompta para ser cortada. Corta-se-a e amarra-se pela forma correntemente usada.

A fibra das hastes chega a produzir 900 libras de algodão artificial por *acre*, no primeiro anno, augmentando, annualmente, por progressão arithmetica até ao setimo anno, quando, então, deve arrancar-se e fazer nova plantação. A planta parece que pôde vegetar bem em uma grande variedade de climas e dar preferencia aos solos argilosos."

"O processo secreto, que se emprega, para converter a fibra em algodão artificial, requer menos de duas horas, segundo declara o Sr. Walters, e consiste em desagregar a fibra e immergil-a em uma solução chimicamente preparada, sendo a fórmula o que se mantem em sigillo."

Além de dizer que o algodão artificial será posto no mercado a um preço de custo fixo de doze centavos por libra, acrescentou, ainda, que a producção seria, de prompto, tão grande que revolucionaria á industria algodoeira do mundo.

"Disse que a companhia não necessitava de capital, porquanto, bancos e casas bancarias da Inglaterra, que tinham interesses no valor de 30 milhões de dollars nas fabricas de tecidos de algodão, estavam dispostos a adeantar fundos em quantia illimitada para alliviar á industria algodoeira britannica."

"Disse, mais, que os directores tinham um plano internacional, que pensavam pôr em execução, por meio do qual o algodão artificial não chegaria a affectar os productores de algodão natural, e que os productores teriam instrucções para cooperar no sentido da estabilização dos preços do algodão, no mundo."

"A localização precisa das culturas da planta mysteriosa tampouco foi divulgada, dizendo-se, somente, que se encontravam em certa parte de Essex e Sussex."



**GADO LANAR
Oxford Down**

Corpo negro, lã de comprimento medio, gado de tamanho avantajado, bem conformado do dorso. É uma das melhores raças para cruzamento.

do sahirem das portas desta Escola para entrar no trabalho da vida, ou "vida-pratica", como se diz. Então, é logico, segundo o que acima foi dito, que podemos dividir a curva da vida de qualquer pessoa, em duas partes: a parte productiva e a parte não productiva. A curva da vida, quero dizer, é o espaço dos annos entre o nascimento e a morte do homem, calculado na média de 70 annos. Para es-

A classe em que o estado economico exerce mais influencia para um moço começar a "vida-productiva", é a classe dos operarios. Geralmente, os trabalhadores, das fazendas por exemplo, não ganham dinheiro bastante para permittir aos seus filhos receberem uma boa educação ou uma educação qualquer. Por consequencia, os filhos do trabalhador do campo são obrigados a entrar na vida

te durante sua vida-productiva, para terem independencia na velhice. Então, esse espaço, entre 14 e, vamos dizer, 55 annos, representa a curva da vida pratica dos trabalhadores, para os quaes o periodo mais productivo, mais ou menos uns 15 annos, está na idade de 25 a 40 annos. Um exame desta curva mostrará outro ponto, tambem, o de que a curva productiva do operario mais ou menos coincide com a curva de sua força phisica. Quando elle é mais forte phisicamente, elle tem mais valor, é mais productivo. Em outras palavras, o seu grão de productivity está dependendo directamente do seu estado phisico.

Então, o ponto de alta necessidade é que os operarios devem entrar na vida pratica com um corpo bem formado e são. Neste grupo, cae o maior numero do povo de qualquer paiz, a maior parte do povo de todo o mundo. E, como o processo de qualquer paiz é dependente desse grupo, portanto, é de capital importancia para os governos augmentar e guardar com todas as forças proveitosas a saude do operario.

A respeito do resto do povo, podemos classificar-o em dois grupos geraes: os homens de negocio e os homens profissionaes. Estes dois grupos têm alguns pontos de commum.

Em primeiro lugar, as forças economicas não têm tanta influencia na curva da vida como foi mostrado na curva do primeiro grupo. Os filhos dos homens de negocio, ou dos profissionaes, podem receber uma educação, boa ou má conforme o systema educacional da comunidade nos seus paizes. Tambem os moços destes grupos têm a vantagem de escolher, confor-



Escola Estadual de Agricultura — Viçosa — Minas — O Doutor Bento de Oliveira, indicado com uma setta, entre alumnos dessa escola.

clarecer meu sentido, vamos representar esses 70 annos pela linha horizontal do schema junto. Essa, então, pôde representar a vida normal do homem. Infelizmente, muitas vidas não chegam a 70 annos, mas, ao mesmo tempo, felizmente, outras passam deste periodo estipulado.

Onde, nesta linha, que representa sua vida provavel, começará sua "vida-pratica", sua "vida-productiva"? Dependerá isso de dois factores principaes: 1.º seu estado economico, e, em 2.º lugar, seu prazer? Vamos considerar, neste momento, a primeira, isto é, a influencia do estado economico do homem.

pratica bem cedo, com a intenção de contribuirem para a economia da familia. Conforme o paiz, esses moços entram na vida pratica entre 10 a 14 annos de idade, começando numa escala de trabalho pequena, augmentando em valor com os annos, chegando ao auge do mesmo, entre a idade de 25 até 40 annos. Depois dos 40 annos, o valor individual, quanto á productivity, diminue até o ponto ou idade em que elle não é absolutamente productivo, e sua vida se torna, então, dependente do amparo dos filhos ou da comunidade, porque, infelizmente, em geral os operarios não podem ganhar bastan-

me sua inclinação, o campo de trabalho em que desejam entrar. Nestes dois grupos estão todos os senhores, que me ouvem.

Com estes pontos conhecidos, vamos examinar, respectivamente, a curva productiva do homem de negocio e a dos profissionaes. Em primeiro lugar, como já disse, os filhos de homens de negocio recebem uma educação conforme seu estado economico. Uns acabam sua educação regular cedo, para entrar em alguma casa de negocio e lá praticarem e mais tarde explorarem o negocio. Outros continuam sua educação regular e entram num negocio directamente depois de terminada sua educação nas escolas. Por consequencia, elles começarão sua vida productiva mais tarde do que o primeiro grupo, ou o dos operarios. Em geral, podemos dizer que os homens de negocio começam a vida productiva entre 16 a 24 annos de idade. Como o grão de productividade deste grupo é dependente da boa comprehensão de todos os lados do negocio, que se adquire, em maior parte, pela experiencia, o ponto mais alto da curva-productiva é relativamente tardio na vida, e domina a vida productiva, mais ou menos, aos 60 annos de idade, como se vê no schema.

Vamos considerar, agora, o ultimo grupo, os homens profissionaes, como o advogado, o medico, o engenheiro, o agronomo, o educador e o scientista. Para entrar neste grupo de profissionaes, geralmente o tempo de estudo é maior do que somente o de quatro annos nas Universidades. Estudam, pelo menos, tres, e, geralmente, 4 ou 5 annos mais em cursos Universitarios especiaes, ou em paizes estrangeiros, antes de estarem bastante preparados para entrar

na vida-pratica, ou na vida productiva. Raramente, estão elles promptos para começar antes de 28 a 30 annos de idade. Esse é o periodo da vida quando os operarios estão no auge e os homens de negocio já ganharam 10 annos de experiencia na vida-pratica. Então, como a curva productiva dos profissionaes começa mais tarde, será necessario que os homens profissionaes trabalhem mais depressa? Fe-

cola, vidas que representam todas essas tres curvas: os trabalhadores dos nossos campos, os homens de negocios da cidade proxima a esta Escola, e exemplos bons no magisterio, quanto ao terceiro typo de curva. Em particular, eu me refiro ao nosso antigo director, Dr. Rolfs, um dos formadores desta Escola, o bom amigo de todos nós, cuja vida representa, perfeitamente, o terceiro typo. Vemos



O edificio principal da Escola Estadual de Agricultura Viçosa — Minas

lizmente, não, porque a curva productiva delles não acaba da mesma maneira que a curva productiva dos dois primeiros grupos. O typo de curva productiva dos profissionaes é muito diferente do das outras curvas. Começando aos 30 annos de idade, mais ou menos a curva cresce annualmente, até o fim estipulado da vida, e o grão de productividade não é dependente do estado physico do individuo ou do estado economico do paiz, mas da actividade mental e dos conhecimentos ganhos durante os annos de estudo e de experiencia na profissão. (Vide o schema).

Temos, no ambiente desta Es-

cola, que o corpo delle não é tão forte, a idade está se approximando dos 70 annos, e elle, em vez de diminuir sua vida productiva, está augmentando-a de tal maneira, que cada anno se torna mais productiva. Isso é porque elle está sempre estudando, sempre escrevendo, contribuindo, assim, a que o Brasil se torne mais productivo. Tambem, em nosso corpo docente, temos professores bem na frente dos diversos campos de agricultura no Brasil. Considerem as possibilidades delles, com os conhecimentos tão profundos na agricultura, e vejam si elles não poderiam deixar seu trabalho aqui e abrir negocios na producção

ou exportação agrícolas, de maneira que, sem duvida nenhuma, em poucos annos tornar-se-iam ricos? Mas, elles querem ficar, aqui, ensinando aos senhores, de maneira que quando os seus

tanto sobre o ultimo typo da curva productiva, que os dois primeiros não tenham valor ou merecimento. A differença é somente em grão. Todos têm honra da mesma qualidade, todos

lhar. Um rapaz deste typo, tem menos valor, no progresso do paiz, do que o trabalhador com a enxada na mão, cultivando o café ou construindo uma estrada de ferro. (Vide o quadro).

Hoje desejo que estes pensamentos fiquem com os senhores. Como disse no principio, os senhores estão nesta Escola preparando-se para a vida productiva e todos os senhores caem naquelles grupos que têm a vantagem, que poucos moços têm, de escolher seus campos e ramo de trabalho, conforme seu gosto. Portanto, em suas mãos e sómente em suas mãos está o seu futuro. E como essas quatro curvas representam os caminhos da vida, os senhores, presentemente, têm a opportunidade de poder escolher a estrada a seguir. Isto é tres vezes verdade, porque o Brasil, felizmente, é uma democracia, onde as opportunidades para o posto mais alto do paiz não são dependentes de familia, cõr, sangue ou fortuna, mas estão dependentes da capacidade e da propria vontade do alumno de hoje. — A. O. Rhoad."



Escola Estadual de Agricultura — Viçosa — Minas
Uma "cavallhada"

alumnos entrarem na vida pratica, o paiz se torne dez, vinte vezes mais rico do que se elles, a sós, explorassem os negocios agrícolas. Elles estão aqui, nas cadeiras desta Escola, ganhando menos dinheiro, é verdade, mas, em compensação, tornando-se mais productivos.

Não quero dizer, porque fallei

os trabalhos de qualquer typo productivo são honrados, desde o trabalho manual do mais pobre trabalhador até as obras do mais conhecido educador ou cientista, do mundo. Considerem o caso commum e triste dum moço de pae rico, educado e, talvez, com habilidade, mas orgulhoso demais para traba-

Neurasthenia, Debilidade Genital
ESGOTAMENTO NERVOSO

ENERGIL

Associação de extracto testicular, strychnina e glicero-phosphato de sodio. • • • 3 injeções por semana ou diariamente.

LABORATORIO CLINICO **SILVA ARAUJO**

Carlos da Silva Araujo & Cia. Marca Registrada



PRAGAS DA FIGUEIRA

pela Professora

ALDA PEREIRA DA FONSECA



Segundo alguns autores, a figueira cultivada, na sua região de origem, ou mediterranea, não é atacada por pragas, como succede aqui no Brasil.

Essas pragas são de difficil destruição porque penetram no caule da planta, formando galerias e se alimentando da medulla do ramo atacado.

Quando as figueiras já são plantas vigorosas podem resistir aos ataques desses terriveis insectos mas nas plantas novas essas pragas causam graves prejuizos e até a morte.

Quando estive na Bahia, em comissão do Ministerio de Agricultura, fui apresentada ao Sr. Gregorio Bondar, que, gentilmente, me offereceu alguns de seus trabalhos relativos aos insectos damninhos na agricultura.

Entre essas publicações ha uma que se especializa nas pragas da figueira, porém, alguns dos insectos mencionados, conheço como nocivos a outras plantas e não ás figueiras.

Na opinião do Sr. Bondar, esses insectos atacam as figueiras bravas, isto é, as figueiras de arborisação, e não o "ficus carica" e dessas arvores é que passam para as figueiras. causando-lhes terriveis danos.

Nunca pude constatar essas pragas nas nossas figueiras a não ser a "Azochis gripusalis" cujos estragos verifiquei muitas vezes.

A larva dessa borboleta penetra nos ramos novos das figueiras e destrõe toda a medulla, introduzindo-se, ás vezes, nos frutos ainda verdes.

E' difficil perceber-se a existencia das lagartas pois as folhas das plantas continuam ver-

des só murchando quando o ramo está irremediavelmente perdido.

E' preciso examinar de perto para se observar o orificio de entrada para a galeria o que é facil verificar por causa da serragem e materia excrementicia da lagarta que se accumulam nesse ponto.

Se o ramo ainda estiver em condições de resistir, deve-se re-

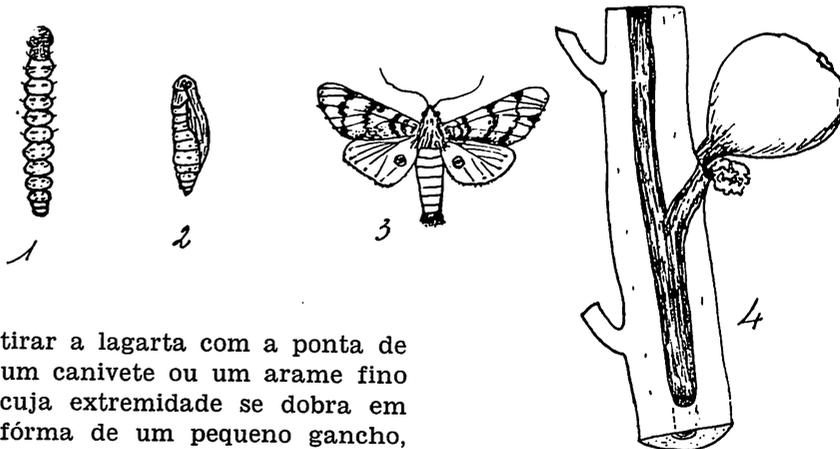
via, ao menos, a parte inferior da planta ficará protegida.

Aqui, no Rio de Janeiro, ainda ha uma praga peor do que a "azochis" que é o cupim.

Este pequenino insecto póde, em pouco tempo, destruir um figueiral, pois se occulta no solo e destrõe as raizes das plantas.

O cupim não ataca, somente, as figueiras, destrõe, tambem, os pecegueiros, as roseiras, etc.

Tive um pecegueiro de uma variedade de fruto branco rosado, a que eu dedicava particular estima, pois essa planta, que ostentava um vigor pouco



AZOCHIS GRIPUSALIS

1, Lagarta. — 2, Chrysalidas. — 3, Borboleta. — 4, Galeria produzida pela lagarta.

tirar a lagarta com a ponta de um canivete ou um arame fino cuja extremidade se dobra em fôrma de um pequeno gancho, mas se as folhas já começam a murchar, o ramo está perdido, poderá ser cortado e queimado para completa destruição das lagartas. Geralmente, não ha mais de uma lagarta em cada ramo mas essa é sufficiente para destruí-lo.

Como tratamento preventivo, os troncos devem ser caiados mas isto não evitará o mal pois as borboletas depositam os ovos nos ramos novos e como esse processo de cair as plantas não poderá ser constante, tambem não poderá evitar o mal; toda-

commum, foi destruida pelos cupins, que se localisaram nas raizes.

Nas localidades onde houver cupins, as raizes das plantas, que apresentarem aspecto doentio, deverão ser examinadas afim de se verificar se estão atacadas por esses insectos e destruil-os em caso positivo.

A questão do meio na criação animal

A observação das leis de reprodução e a applicação rigorosa dos methodos de selecção, de alimentação e de gymnastica funcional podem, ás vezes, pouco significar, no resultado final de uma exploração zootécnica, quando se perde de vista a importante questão do **meio**, que se apresenta sob triplice aspecto: 1.º) **meio cultural**, ou **agronómico**; 2.º) **meio climaterico**; 3.º) **meio económico**.

MEIO CULTURAL OU AGRONÓMICO. — A abundancia, a variedade e a riqueza das forragens dependem, na maior parte, da natureza do sol. A natureza do solo, de seu turno, depende, grandemente, da constituição da rocha que lhe deu origem. Si, por outro raciocínio considerar-se que a base da alimentação do gado é fornecida pelas forragens e que estas variam em riqueza, numero e abundancia conforme a constituição do solo e a formação

geologica, comprehender-se-á, facilmente, a influencia que o meio agronomico e geologico exerce sobre o desenvolvimento das raças. Essa estreita dependencia entre a rocha, o solo, as forragens e o gado pôde ser resumida na seguinte maxima:

Tal solo, tal forragem; tal forragem, tal gado.

Essa a razão por que, em terreno de alluviões calcareos, o gado habitante é precoce, com o talhe profundo, nédio e carnudo, ao passo que em solos graniticos, ou em os em que o calcareo predomina e a vegetação é rachitica, os animaes se caracterizam pela volumosa ossatura, o talhe pequeno e defeituoso, membros compridos e tronco fino.

A conclusão pratica a tirar d'esse facto, é a seguinte: para as terras ricas, de abundante produção forrageira, convêm as raças precoces, de grande desenvolvimento, de alto poder de assimilação; para as terras pobres, as raças rusticas, de

pouca exigencia e de pequeno desenvolvimento.

Todavia, é preciso attender a que o criador pôde modificar a natureza de suas terras e, consequentemente, o rendimento e a riqueza das forragens, pelo emprego de adubos e correctivos e pelos bons cuidados culturais, quando, então, elle estará em condições de entreter, em sua exploração, um gado mais exigente e capaz de dar um rendimento superior.

Antes, portanto, de introduzir-se uma raça melhorada, é preciso, sempre, examinar bem o meio agronomico, isto é, verificar si a riqueza cultural responde ás necessidades da criação em vista e, em qualquer hypothese, começar por modificar o meio agronomico antes da introdução de uma raça de gado precoce, sob pena de perder tempo, dinheiro e enthusiasmo.

Os exemplos das raças Durham e Charoleza, na Mayenne e Brionnais, são bem frisantes, nesse sentido.

MEIO CLIMATERICO. — O meio climaterico é a altitude, é a temperatura, é, em uma palavra, a expressão da situação de uma região dada.

Isso quer dizer, em linguagem corrente, que não se pôde, impunemente, levar, **ex-abrupto**, para a montanha, animaes habituados a viver em planicie, nem, tampouco, transportar, directamente, para regiões seccas e meridionaes, um gado produ-

SHROPSHIRE

Cara negra e solida estrutura ossea, lã curta, porém abundante.



zido em regiões brumosas e septentrionaes.

O exemplo das vaccas hollandezas que, ao sul da França, perdem logo sua aptidão leiteira é um ensinamento valioso sobre a acção que exerce o meio climaterico, primeiro, na aptidão essencial do animal, e, depois, na sua constituição quando elle resiste ao novo e diverso meio.

Note-se, por fim, que, si o criador pôde modificar o meio agronomico, pela applicação de seus conhecimentos agricolas e culturaes, o mesmo não succede com relação ao meio clima-

terico, que lhe não está ao alcance. O que lhe cumpre fazer, pois, é procurar a raça que melhor se adapte a esse meio.

MEIO ECONOMICO. — Não basta que o criador tenha bellos animaes adaptados ao seu meio agronomico e climaterico: é indispensavel, egualmente, que esse gado, economicamente produzido, encontre um consumo remunerador e regular.

A esse respeito, o criador não pôde ficar indifferente á procura aberta aos productos da animalicultura nos mercados

mais proximos, como á concurrencia que, ahi, tenham, os mesmos, de enfrentar.

O meio economico não depende, porém, exclusivamente, de mercados proximos ou distantes, de vias de acesso mais ou menos numerosas, mais ou menos facéis, que conduzam a esses mercados e que lhes formem como que as arterias vivas; depende, tambem, e muito, da educação e da aptidão commercial do criador. Essa educação é indispensavel e ella explica por que, em um mesmo mercado, ha mallogros e ha victorias. (Vacher, "Le Betail").



HOPKINS CAUSER & HOPKINS

RUA MUNICIPAL, 22

RUA HERMILO ALVES

Caixa do
Correio
1054
Rio de
Janeiro



UM GRANDE REMEDIO

IMPEDE AS ENFERMIDADES

CARRAPATICIDA

MATA
TODOS OS
CARRAPATOS

DE COOPER

NÃO ESCALDA



S. João
d' El-Rey
Estado
de
Minas



O Fumo em corda e o seu preparo

Depois de colhidas as folhas do fumo — diz o Sr. José Maria Salles, no *Brasil Cacáoeiro* — vão, estas, para os estaleiros, com ou sem os talos, e, aqui, permanecem pelo espaço de oito dias, mais ou menos, á sombra, e em logar arejado.

Retiradas dos estaleiros, as folhas, que devem apresentar uma côr marron, uniforme quanto possível, e contendo, ainda, certa humidade, tiram-se-lhes os talos, do modo seguinte: toma-se da folha, dobra-se-a no sentido do comprimento, com a parte externa para cima; segura-se, com a mão esquerda quasi na ponta da folha, onde o talo apresenta a mesma espessura das nervuras medianas: com as unhas do pellegar e do indicador da mão direita, corta-se o talo no ponto indicado e puxa-se-o rapidamente, para que sáia sem rasgar a folha. Em seguida a esta operação, as folhas são arrumadas em massos de 50 ou 100, collocando-se a partelada sobreposta á de outra folha, unidas ponta com ponta.

Terminada esta operação, segue-se o *enrolamento*, ou fabrico do fumo em corda, da maneira seguinte: tomam-se algumas folhas (conforme a grossura de que se deseja a corda, 6-8, etc.); com a mão esquerda, um auxiliar segura as pontas das folhas e imprime-lhes uma torção para o lado direito; torcidas, estas, juntam-se no pé das primeiras outras, e assim se procede até haver comprimento sufficiente, que permita o *enrolamento*, em páo de grossura conveniente, apertando-se bem.

Na preparação da corda é preciso ter-se o cuidado de collocar as folhas com a parte destalada para dentro. Os rôlos, uma vez preparados, são levados ao sol não muito quente, durante algumas horas, em pé, encostados a um varal, tendo os pés sobre uma taboa; e recolhido á tarde. Quando o rôlo começa a ennegrecer, não vae mais ao sol e, naturalmente, estará frouxo; então, enrola-se

A Lavoura

Revista da Sociedade Nacional de Agricultura e da Confederação Rural Brasileira

Fundadas em
16 de Janeiro de 1897, e
7 de Dezembro de 1928

—000—

Dr. Augusto Ramos
Vice-Presidente da Sociedade, em
exercício

Redactores
Eng. Ag. Thomaz Coelho Filho
e

Petra de Barros

Gerente
Roberto Dias Ferreira

Redacção e Administração:
RUA 1.º DE MARÇO, 15-Sob.
TELEPHONE
4 - 1416
RIO DE JANEIRO BRASIL

Alcool industrial

A proposito do nosso editorial, sob o titulo supra, sahido em o n.º de Julho d'esta revista, fomos honrados com a gentilissima attenção do eminente presidente perpetuo da Sociedade Nacional de Agricultura, S. Ex. o Senador da Republica Sr. Miguel Calmon, que se dignou lembrar-nos do facto de que a primeira exposição de apparatus a alcool, no Brasil, fôra realizada por esta Sociedade em 1903, juntamente com o Congresso das Aplicações Industriaes do Al-

cool, que lograra, aliás, um exito extraordinario.

Como vêm os nossos caros leitores, a recapitulação d'esses dados historicos serve, quando menos, para corroborar a defeza da nossa these qual a de que cabe, de direito, á Sociedade Nacional de Agricultura a prioridade do estudo e do interesse suscitado, neste paiz, em torno á transcendental questão economica do alcool industrial, ou alcool motor; que tanto preoccupa á nação, neste momento.

em outro páo, bem apertado, começando-se pela parte que esteve exposta. Quando o fumo estiver curado, começa a apparecer o mel e, até que fique bem preto, vae-se passando-o de páo em páo, do seguinte modo: durante os 30 primeiros dias, vira-se-o duas vezes por dias; de 30 a 60 dias, uma vez, e de 60 a 90 dias, vira-se com intervallo de um dia. Depois de 90 dias, o fumo estará prompto e pôde ser emballado em talo de bananeira, ou folha de milho, cobrindo-se, tudo, com pano.

Para o fim do *enrolamento*, podem ser fabricados apparatus rusticos, semelhantes aos empregados nas cisternas.

Fabrico do oleo de côco Babassú

“Este, como, na quasi totalidade, os demais oleos, pôde ser extraído, seja por um dissolvente, o que não é de aconselhar, devido a nunca ser possível retirar, completamente, o dissolvente; seja por pressão, methodo commum, tambem chamado physico. O melhor meio, portanto, consiste no seguinte: — Em chegando o fruto, naturalmente é necessario quebral-o, dando, elle, então, de tres a quatro amendoas.

Esta operação, da quebra, é uma das mais importantes, sendo que, quanto melhor for feita, tanto melhor será o oleo.

Isto é facil de perceber pelo seguinte: toda a substancia graxa, em presença de oxygenio do ar, oxyda-se facilmente e produz o que se chama, commummente, o “ranço”.

Logo, sendo possível evitar este ranço, naturalmente que o oleo será muito mais claro e puro. O ranço é contrahido quando, ao quebrar-se o fruto, fende-se a amendoa interior, o que é preciso evitar, pois a cor torna-se amarellada e não é possível retiral-a, nem por meios chimicos.

Eis a razão de dizer que da boa e perfeita “quebra” do fruto, depende a boa qualidade do oleo.

Feita a quebra, as amendoas vêm para a fabrica; nesta, sofrem os seguintes tratamentos, nos seguintes aparelhos:

1.º) São retiradas as impurezas physicas, fazendo passar as amendoas em uma “peneira” commum de madeira. Estas impurezas são: restos de casca do fruto, palhas seccas, ciscos, etc.

2.º) Da “peneira”, por inter-

medio de uma bomba aspirante, as amendoas vão a um aparelho chamado “desintegrador”.

Ha varias especies de desintegradores, sendo uma dellas o de Manlove e Alliott.

Entrando a amendoa pelo moinho, é triturada, finalmente, por ser este aparelho um moinho especial.

3.º) Deste aparelho, a massa fina é collocada em um aparelho especial, chamado “aquecedor”.

A massa do babassú, ás vezes, dispensa este aparelho, mas so para a primeira prensada; porém, é parte integrante de uma fabrica de oleo. Um typo muito usado é o de Craig.

Neste aquecedor, que é composto de um cylindro de ferro, dentro de outro maior, no intervalo dos quaes existem vapores super-aquecidos, a massa triturada soffre como que uma desagregação de seus tecidos oleosos, tornando-se muito mais facil a extracção do oleo.

4.º) A massa bem aquecida é collocada em “bolsas”, que são peças feitas de pello de cabra, ou camello, sendo as deste ultimo animal mais para aconselhar-se, pela sua resistencia e durabilidade.

5.º) Em algumas fabricas adiantadas, depois da massa collocada nas bolsas, para facilitar o trabalho das prensas hydraulicas, dando-lhes já o tamanho e fórma necessarios, é ella levada a um aparelho chamado “compressor”.

6.º) Do compressor, finalmente, as bolsas, com a substancia oleosa, são postas, ás vezes, em numero de 15, nas “prensas

hydraulicas”, aparelhos estes possuidores de alta força compressora, permittindo a obtenção de quasi totalidade do oleo, dando o babassú de 60 a 62 %. A força compressora destas prensas varia de 3.000 libras até duas toneladas ou 350 kilos por cm.2. Encontram-se, geralmente, agrupadas de quatro a 20, constituindo uma bateria.

A collocação das “bolsas” é logo seguida de uma placa pesada de ferro sobre as mesmas, já preparando o trabalho da prensa.

Está assim, terminada a chamada primeira prensada, na qual se obtêm uns 50 % do oleo.

Resta uma torta, que, de accordo com o % dado em total, ainda contem de 10 a 12 % do oleo, *obtido industrialmente*

Esta massa resultante tem o nome de “torta” e é levada para um aparelho, “moéga”.

Este aparelho, por meio de suas pesadas rodas de pedra, e tendo, ainda, um “ajuntador” de ferro, que é um “braço” recurvado, tritura, de novo, a massa comprimida pela prensa. Daqui torna a soffrer os mesmos tratamentos que ao principio, quer dizer, da “moéga” para o “aquecedor”, do “aquecedor” ás “bolsas”, das “bolsas” ao “compressor” e do “compressor” ás “prensas”, e têm-se, assim, extraídos 60 a 62 % do oleo, conforme a força da prensa usada. O sub-producto é a “torta”, que pôde ser empregada como combustivel, ou fertilizante, e, della se fazendo um estudo prévio, pôde ser administrada, em pequenas quantidades, ao gado, de mistura com o alimento commum.”

O que os jornaes dizem...

O CÔCO BABASSÚ COMO COMBUSTIVEL GERAL E SUCCEDANEO DO CARVÃO.

BELEM, 14 (Serviço especial da A NOITE) — Acerca do côco babassú como succedaneo do carvão mineral, o governador Eurico Valle recebeu do presidente do Briquetting Machinery Company, de Nova York, a seguinte carta:

“A utilização pratica dos briquettes para combustivel em fins siderurgicos resultou em completo exito, quanto á manufactura do mesmo e sua effectiva applicação como combustivel geral e como carvão succedaneo do carvão mineral e coke. Assim ficou reconhecida e posta em evidencia a industrialisação do côco babassú. O consumo em grande escala de ambas as qualidades resolverá os mais vites problemas da economia brasileira, isto é, o problema do combustivel e o da siderurgia, collocando a futura prosperidade do Brasil numa base permanente e solida. A natural e immediata consequencia da exploração destas duas industrias nacionaes será a libertação do Brasil da importação do carvão, ferro e aço, e augmentará progressivamente a receita do thesouro nacional. Cabe ao Estado do Pará, que possui excellentes babassúes, cujas palmeiras produzem côcos com amendoas de primeira qualidade, a primasia de ser o impulsor nas experiencias practicas de utilização do côco babassú, que, não sómente o recompensará dos prejuizos soffridos como a tão prolongada depreciación da sua principal in-

dustria, a borracha, como o collocará em invejavel posição de contribuir largamente para a vida economica da federação brasileira”.

O governador determinou que a secção de estatistica e informaçoes proceda ao recenseamento dos babassuaes existentes neste Estado.

(“A Noite”, Rio, 15-9-1930).

A SITUAÇÃO DO CAFE'

WASHINGTON 15 (U. P.) — o Sr. Decio de Paulo Machado delegado brasileiro á Conferencia Pan-Americana de Agricultura, propoz que os paizes americanos productores de café cooperassem numa campanha de propaganda nos paizes não consumidores como a Russia, China, Japão e India, num esforço para estimular o consumo e encontrar uma sahida para a presente super-produção e talvez uma garantia para maior produção futura.

O delegado brasileiro insistiu em que a conferencia considerasse as medidas tendentes a melhorar a situação do café, com o que a assembléa promptamente concordou, por meio da revisão da agenda para assegurar uma protecção maior ao café e ao assucar do que era dispensada até aqui.

O delegado colombiano, sr. Duran, declarou que o seu paiz apoiava satisfactoriamente uma acção internacional tendente a resolver o problema da super-produção.

O CONSUMO DO CAFE' NA FRANÇA

PARIS, 15 (H) — O consumo do café na França nos mezes de Janeiro a Julho foi o seguinte:

Procedencias — Quintaes: Brasil, 693.164; Inglaterra, . . . 3.292; Indias Inglezas, 18.259; Venezuela, 41.612; Haiti, 117.052; Indias Neerlandezas, 61.445; Salvador, 8.663; Nicaragua, . . . 16.876, Estados Unidos, 829; Colombia, 11.947. Madagascar, 18.272; Diversos, 54.260.

(Do serviço telegraphico do “Jornal do Brasil”).

O MATTE NA ARGENTINA

BUENOS AIRES, 21 (A. H.) — Foi publicado o decreto que regulamenta as condições da producção, importação e consumo da herba matte. Pelos termos do referido, decreto, será considerada inadaptaavel ao consumo toda a partida de herba nacional ou estrangeira que não seja constituída exclusivamente da especie botanica “Ilex paraguayensi sthil” e das variedades nocivas, que a tolerancia da repartição competente estabelecer.

O Ministerio da Agricultura, com o novo regulamento, declara sem effeito os decretos de 24 de março de 1924, pelos quaes era concedida a redução de 30 % sobre os direitos de importação daquelle producto.

BUENOS AIRES, 21 (A. A.) — O presidente Irigoyen assi-

gnou hoje o seguinte decreto relativo á herva-matte:

“Artigo 1.º — Os laboratorios chimicos nacionaes consideração impropria para a elaboração e para o consumo toda a partida de herva-matte nacional ou estrangeira que não seja constituída exclusivamente pela especie botanica “Ilex paraguayensis, St. Hil”, ou suas variedades não nocivas, com as limitações e tolerancias que o Ministerio da Agricultura estabeleça ao regulamentar o presente decreto.

Artigo 2.º — A Alfandega não permittirá a introdução no paiz de nenhuma partida de herva-matte sem o respectivo certificado do Laboratorio Chimico Nacional, visado pelo Ministerio da Agricultura para os effeitos do presente decreto.

Artigo 3.º — Declaram-se habilitados para a importação da herva-matte os portos de Buenos Aires, Rosario, Corrientes, Posadas e Paso de los Libres, exclusivamente.

Artigo 4.º — Fica destinada a importancia de 300.000 pesos para a construcção de depositos fiscaes de herva-matte em Posadas, Garupe, Apostoles, Yerbal Viejo e outros pontos a serem determinados pelo Ministerio da Agricultura, ao regulamental-os.

Artigo 5.º — Ficam sem effeito os decretos de 24 de março e 31 de maio de 1924, que concederam o abatimento de 30 % nos direitos de importação da herva-matte”.

(Do serviço telegraphico de “O Paiz”, Julho, 1930).

O “TREM DO TRIGO” NA ITALIA.

TURIM, 21 (A. A.) — Proseguiu a sua viagem, através do paiz, o “trem do trigo”.

A’ partida, estiveram presentes, o principe Humberto, herdeiro do throno; autoridades e grande massa popular.

O Sr. Morescalchi fez um longo discurso, enaltecendo o valor da propaganda patriótica do “trem do trigo”.

(Do serviço telegraphico de “O Paiz”, Julho, 1930).

A BORRACHA ASIATICA

LONDRES, 21 (A. H.) — Recente communicado de Singapura annuncia que, em assembléa geral da Associação dos Plantadores de Borracha de Malasia, foi approvada por unanimidade a moção favoravel á restricção da producção, de accordo com o votado na reunião de 20 de Julho ultimo pela Associação dos Plantadores Asiaticos.

(Do serviço telegraphico do “Jornal do Brasil”, Julho, 1930).

O ASSUCAR DE CUBA NO MERCADO NOVAYORKINO

HAVANA, 21 (A. A.) — O assucar cubano tem alcançado, na Bolsa de Nova York, os preços mais baixos de que ha memoria, a contar de 1860.

Esta situação continúa sendo o thema das preocupações officiaes e industriaes do paiz.

Para remediar o mal, fala-se nos centros interessados no mercado deste producto, no estabelecimento de um accordo com os assucareiros norte-americanos.

O novo plano assenta sobre todos os projectos até agora apresentados para solução do complicado problema assucareiro, e será submettido á conside-

ração de uma importante Conferencia Internacional, que se effectuará brevemente.

POLITICA DA PRODUÇÃO DE ALGODÃO NO EGYPTO.

CAIRO, 22 (A.) — O Egypto é, como o Brasil, um concorrente no mercado mundial de algodão.

Sua situação actual, como producer, é a seguinte:

Não tem conseguido collocar as suas safras nos ultimos annos, não obstante sua colheita representar sómente 7 a 8 % da producção mundial e o seu algodão, da melhor reputação.

O governo para amparar a producção, tem adquirido por compra todo o algodão não vendido.

Com isto já despendeu 13 milhões de libras egypcias, ou sejam 533 mil contos de réis.

Os stocks armazenados não têm sido collocados, dando logar a que este assumpto figure entre as maiores preocupações economicas do paiz, porque affecta a sua maior fonte de renda.

A politica até agora seguida pelo governo tem dado motivo a commentarios por parte da imprensa e certa agitação nos centros productores, exportadores e financeiros, sendo abundantes as suggestões para que se tome outro rumo novo na cultura e industria do algodão.

Entre os alvitres que têm merecido maior attenção conta-se o de que o governo deve retirar do mercado o seu algodão não vendido, durante tres annos, para dar sahida ao algodão em mãos de particulares, e o de que o governo devia retirar de alguns lotes mais antigos e por

isto mesmo mais sujeitos á deterioração, para com elles mandar fabricar pela Fiação Nacional do Egypto, e outras fabricas estrangeiras installadas no paiz, um tecido "standard" que seria vendido no Egypto a preço de custo, para assim, não só dar sahida ao stock armazenado, como proteger á industria nacional.

Estas suggestões, porém, têm encontrado fortes oppositores que se manifestam favoraveis a que o governo procure dar sahida ao seus stocks, em proporções razoaveis que não desequilibrem os mercados.

A politica algodoeira do go-

verno, parece, continuará, por acabar elle de destinar aos fundos da reserva agricola, mais de 8.000.000 de libras, ou sejam mais de 328 mil contos.



A EXPORTAÇÃO NORTE-AMERICANA PARA O BRASIL.

NEW YORK, 22 (A.) — O Brasil continúa a occupar um logar de muito destaque na importação norte-americana de pelles e reptis.

Estas importações augmentaram de modo consideravel nos primeiros mezes deste anno.

Nos primeiros quatro mezes as importações destes productos, subiram a 1.065.640 dollars, emquanto que em todo o anno de 1929, chegaram apenas a . . . 2.980.372 dollars.

As principaes importações procederam do Brasil, Honduras Panamá, Argentina, Colombia, Equador. Venezuela, Cuba, Philippinas e Guyanas.

Só o Brasil concorreu com mais de 44 % das exportações.



30% DE ECONOMIA

NITROPHOSKA I G

O ADUBO PERFEITO !

Um novo producto da industria chimica allemã que vem revolucionar o mercado mundial de adubos

Economia na compra
Economia nos fretes
Economia nos carretos

NITROPHOSKA
SIGNIFICA

Economia na applicação
Garantia de analyse
Garantia de resultado

O maximo do valor no minimo do volume

Um producto do Syndicato de Azoto (Stickstoff - Syndikat) Allemanha

UNICOS REPRESENTANTES E DISTRIBUIDORES NO BRASIL :

Fernando Hackradt & Cia.

S Ã O PA U L O



Caixa Postal n. 948



**UM SACCO DE ADUBO,
COM PORCENTAGEM CONVENIENTE
DE
POTASSA
AUMENTARÁ A VOSSA
PRODUCCÃO.**

*Para informações sobre
adubações em geral e ob-
tenção de publicações
sobre a agricultura, gratis,
dirigir-se ao*

**CENTRO DAS EXPERIENCIAS
AGRICOLAS
Rua Libero Badaró, 41- 6º and. s. 1 a 3
CAIXA POSTAL, 1892- S. PAULO**

Pereira Carneiro & Cia. Limitada

(Companhia Commercio e Navegação)

End. Tel. UNIDO Caixa Postal n. 482

SAL DE MACAU

Proprietaria das mais vastas e productoras
salinas do Brasil—Depositos no Rio e S. Paulo

TRAPICHE — Proprietaria dos vastos armazens para deposito de mercadorias, café, algodão
cereaes, etc. — Avenida Rodrigues Alves ns. 161, 167 e 173

PARA INFORMAÇÕES DIRIJAM-SE A'

Avenida Rio Branco, 110-112

Rio de Janeiro

Tangerineira (Citrus nobilis) Cravo, Stuma, Boceta, etc. 5\$000
 Limoeiros de fructos pequenos e lisos (Citrus limonum) 5\$000
 Limoeiros de fructos doces (Citrus medica sativa (div. var. 5\$000
 Limeiras (Citrus dulcis) Penca, Persia, umbigo, etc. 5\$000

M

Mangustan (Garcinia mangustana) 10\$000
 Mangueiras (Mangifera indica) das seguintes variedades: Dr. Saboia, Espada Branca, Espadão, Rosa, Maçã-Rosa, Maçã-amarella, Rosalia, Rosary, Cambucá, Coração de boi, Manteiga,

Bahia, Carolina, Itamaracá, Julieta, Pernambuco, Jasmin, Augusta, Carlota, Gurgel, Maravilha, etc. 7\$500
 Maracujá commum (Passiflora alata) 4\$000
 Maracujá mirim (Passiflora speciosa) 4\$500
 Marmelleiro da Europa (Cydonia vulgaris) 6\$000
 Marmelleiro do Japão (Cydonia japonica) 6\$000

O

Oliveira (Olea europea) 6\$000

P

Pitombeira da Bahia (Rhylocalyx Luschnatianus) 6\$500
 Pimenteira da India (Piper nigrum) 3\$500

S

Sapota preta (Achras mamosa) 4\$000

Sapotyseiro (Achras sapota) 4\$000

T

Tamareira (Phoenix dactylifera) 5\$000
 Tamarindeiro (Tamarindus indica) 3\$000

U

Uvaia (Eugenia uvaia) 4\$000

ARVORES PARA ARBORIZAÇÃO

Oity (Miguelia tomentosa) 4\$000
 Amendoeira (Terminalia catalpa) 4\$000
 Carrapateira (Guarea carrapeta) 4\$000
 Murta cheirosa (Murraya exotica) 4\$000
 Jambolano (Sizigium japonicum) 3\$500
 Lingustrum (Lingustrum japonicum) 4\$000
 Ficus Benjamin 3\$500
 Ficus elastica 4\$500

JOSÉ PASTOR

(GRAVADOR)

Especialidade em clichés para theses medicas, trichromias, clichés para registro de marcas e patentes e clichés para trabalhos commerciaes

RUA D. PEDRO 1, 47 — loja
 (Antiga Espirito Santo)

Phone Central 1021 Rio de Janeiro

HORTULANIA

Sementes novas de hortaliças, flores e agricultura, plantas de ornamento, fructeiras, roseiras, etc., objectos para todos os misteres de jardinagem e lavoura. — Bombas e seringas de metal para irrigar e pulverizar. Livros sobre Agricultura, Industria Pastoral e pequenas culturas — Ferramentas, Gaiolas, vasos, etc. — Chá da India, Pulverisadores e Formicidas. — SARNOL contra o carrapato no gado e outros artigos de veterinaria. — Objectos de Agricultura, etc. etc.

Araujo, Ribeiro & Cia.

Rua do Ouvidor, 77 Rio de Janeiro

**PEDIGREE
 RAÇAS INGLEZAS
 DOS MELHORES
 CRIADORES INGLEZES**

Exportador de Bovinos — Durham, Devon, Hereford, Sussex, Aberdaen, Angus, Red-Polled, British, Fresians, Gueznsy, etc.
 Ovinos de Rommey Marsh, Lincoln, Cara negra, Shropshire e todas as outras raças.
 Suínos de Berkshire, Large, Black e outras raças.
 Cavallares puro sangue de corridas.
 Aveia Ingleza, especial para cavallos de corridas.

End. Telegraphico:
 "BERTADEL" — LONDON

Pedidos e Encommendas a

**Martin Maddock's British
 LIVE STOCK AGENCY LTD.**

46, Victoria Street

— O L O N D R E S —

SOCIEDADE NACIONAL DE AGRICULTURA

1.^a COMISSÃO: — Geologia e Mineralogia agrícolas, Agrolgia, Carvão, Petróleo, Combustíveis minerais e derivados — Adubos minerais naturais — Máquinas applicaveis á extracção e beneficiamento desses productos. — *Membros*: — Ernesto da Fonseca Costa, João Fulgencio de Lima Mindello, Thomas Coelho Filho, William Wilson Coelho de Souza.

2.^a COMISSÃO: — Meteorologia e Climatologia agrícolas. — *Membros*: — Francisco de Souza, Joaquim Sampaio Ferraz, Raul Pires Xavier.

3.^a COMISSÃO: — Drenagem e Irrigação. — Poços tubulares, Açudes e Forças hydraulicas — Lavoura das regiões secas. — *Membros*: — André Gustavo Paulo de Frontin, Geminiano Gomes Guimarães, Octavio Barbosa Carneiro, Raul Pires Xavier, Thomas Cavalcanti de Gusmão.

4.^a COMISSÃO: — Máquinas agrícolas. — Motocultura — Electricidade applicada á agricultura — Concursos de machinas agrícolas. — *Membros*: — Arthur Torres Filho, Carlos Duarte, Eurico Dias Martins, Geminiano Gomes Guimarães.

5.^a COMISSÃO: — Adubos de origem animal e vegetal. — Fabricação e consumo. — *Membros*: — Albano Issler, Franklin de Almeida e Mario Saraiva.

6.^a COMISSÃO: — Sementes — Introducção e acolimação de plantas. — Concursos de sementes — Genetica vegetal. — *Membros*: — Arthur Torres Filho, Arsene Puttemans, Americo de Miranda Ludolph e Thomaz Coelho Filho.

7.^a COMISSÃO: — Leguminosas, Cereaes, Raizes e tuberculos alimentares. — *Membros*: — Arthur Torres Filho, Carlos Duarte, Luiz de Oliveira Mendes, Plinio Cavalcanti.

8.^a COMISSÃO: — Plantas industriaes, Assucar, fumo, cacau, borracha, matte. — *Membros*: — Antonio de Arruda Camara, Filogonio Peixoto e Octavio Carneiro.

9.^a COMISSÃO: — Plantas textis. Algodão, linho e fibras em geral. — Cellulose. Fabrico do papel. — *Membros*: — Alcides Franco, Francisco Alves Costa, Paulo de Moraes Barros.

COMISSÕES TECHNICAS



10.^a COMISSÃO: — Café. — *Membros*: — Augusto Ramos, Antonio Garcia Paula, João Baptista de Castro.

11.^a COMISSÃO: — Plantas oleaginosas. Oleos, gorduras, ceras, resinas e derivados. — *Membros*: — Alcides Franco, Joaquim Bertino de Moraes Carvalho, Trajano de Medeiros.

12.^a COMISSÃO: — Fructicultura e Horticultura. Conservação e embalagem de seus productos. — *Membros*: — João Vieira de Oliveira, Horacio Barreto, Humberto Bruno, Roberto Moutinho dos Reis e Sylvio Ferreira Rangel.

13.^a COMISSÃO: — Sylvicultura. Florestação e reflorestação. Exploração das madeiras. Essencias para arborização. — *Membros*: — Antonio Pacheco Leão, Francisco de Assis Iglesias, Luiz de Oliveira Mendes, Octavio Vieira de Mello.

14.^a COMISSÃO: — Defesa sanitaria vegetal — Pathologia vegetal. Entomologia agricola — Combate á formiga. — *Membros*: — Angelo Moreira da Costa Lima, Annibal Revault de Figueiredo, Antonio Magarinos Torres, Eugenio Rangel.

15.^a COMISSÃO: — Avicultura — Apicultura — Sericultura — Piscicultura. — *Membros*: — Alvaro Pereira de Carvalho, Feliciano de Moraes, Henrique Silva, João Marcellino, Julio Cesar Lutterbach e Marcos Inglez de Souza.

16.^a COMISSÃO: — Zootechnica geral e especial. Alimentação dos animais domesticos — Genetica animal. — *Membros*: — J. F. de Assis Brasil, João Leopoldo Moreira da Rocha, Landulpho Alves, Mario Telles da Silva e Victor Leivas.

17.^a COMISSÃO: — Animaes para sella e tracção. Remonta. — *Membros*: — General J. de Assis Brasil, Geraldo Rocha, Gustavo Dutra, Marsillac Motta.

18.^a COMISSÃO: — Carnes e derivados. Industrias connexas. — *Membros*: — Franklin

de Almeida, Geraçõ Rocha, Joaquim Luiz Osorio.

19.^a COMISSÃO: — Leite e Derivados, Industrias connexas. — *Membros*: — Aleixo de Vasconcellos, José Monteiro Ribeiro Junqueira, Jorge de S. Earp, Raul Leite.

20.^a COMISSÃO: — Defesa sanitaria animal — Medicina Veterinaria. — *Membros*: — Alvaro Osorio de Almeida, Americo de Souza Braga, Moacyr Alves de Souza, Paulo Parreiras Horta.

21.^a COMISSÃO: — Vias de communicação — Transportes. Taxas e tarifas. Defesa economica da producção. Assumptos geraes ligados á agricultura. — *Membros*: — Gustavo Lebon Regis, Othon Leonardos, Octavio Barbosa Carneiro.

22.^a COMISSÃO: — Colonização e Imigração. — *Membros*: — Paschoal Villaboim, Paulo de Moraes Barros, Nestor Ascoli, Rogaciano Pires Teixeira.

23.^a COMISSÃO: — Legislação rural. Codigo rural, Cooperativas, syndicatos e associações. Trabalho agricola. — *Membros*: — Chrysanto de Brito, Euzebio de Queiroz Lima, Graccho Cardoso, Leopoldo Teixeira Leite.

24.^a COMISSÃO: — Estatistica e contabilidade agrícolas. Credito agricola. — *Membros*: — Antonio de Arruda Camara, Carlos Raulino, José Luiz Sayão de Bulhões Carvalho, Léo de Affonseca.

25.^a COMISSÃO: — Ensino agronomo e tecnico-profissional. Experimentação agronomica. — *Membros*: — Alvaro Pereira de Carvalho, Fidelis Reis, Ildelfonso Simões Lopes, Thomaz Coelho Filho.

26.^a COMISSÃO: — Congresso. Exposições. Feiras. Museus. Propaganda. — *Membros*: — Benedicto Raymundo da Silva, Hannibal Porto, Lauro Sodré, Waldemar Penna.

27.^a COMISSÃO: — Hygiene rural — Construções rurales. — *Membros*: — Augusto Bernacchi, Francisco Dias Martins, Julio E. da Silva Araujo, Thomaz Cavalcanti de Gusmão.

28.^a COMISSÃO: — Conferencias e communicações scientificas. — *Membros*: — Heitor Beltrão, João Fulgencio de Lima Mindello, Thomaz Coelho Filho.

A LAVOURA

é distribuída
GRATUITAMENTE
a todos os socios quites da

Sociedade Nacional de Agricultura

esparso por todo o paiz

Recebem-na todas as Bibliothecas publicas, consulados, associações economicas e scientificas



A LAVOURA

é, pois, um vehiculo seguro de propaganda e os annuncios nella insertos garantem, uma farta remuneração



REDACÇÃO e ADMINISTRAÇÃO
Rua 1.º de Março, 15
RIO DE JANEIRO
BRASIL